

ABELHAS, ABELHINHAS

Quando li a manchete do jornal, posta em grande destaque, “Ela Cria 40 Mil Abelhas No Quintal”, lembrei-me de meu finado pai, que certo dia apareceu em casa com pequeno enxame de abelhas Jataí, cuidadosamente abrigadas em caixa de madeira por ele mesmo construída. Antes que eu e minha mãe nos refizéssemos da surpresa, dependurou-a, com todo cuidado, em caibro dos fundos da residência, de maneira a que ficasse voltada para o grande quintal cheio de flores e de árvores frutíferas. Uma festa para aquelas abelhinhas.

Eu era, então, muito criança, e após o retorno do Grupo Escolar e os cuidados com a lição de casa, sempre feita com capricho e atenção, atravessava a rua poeirenta e ia brincar na serraria e marcenaria de meus avós paternos, para mim extraordinário mundo de máquinas, correias e polias em permanente movimento. Estava terminantemente proibido sequer de aproximar-me das que pudessem oferecer algum perigo, como, por exemplo, a tupia de fabricação alemã. Mas a furadeira adaptada com caixa de câmbio comprada em ferro-velho era minha preferida. Nela mudava repetidamente de marcha, acelerando ou freando, mas em minha fértil e pródiga imaginação sempre fazendo incríveis ultrapassagens ou vencendo aclives acentuados.

Era meu pai que ia semanalmente buscar, com o velho caminhão Reo, marca que há muito tempo deixou de existir, em pontos isolados do município, as toras compradas de sitiantes e fazendeiros a serem serradas e transformadas em tábuas e caibros. Pois foi em uma dessas viagens que ele trouxe o pequeno enxame de abelhas Jataí, que não têm ferrão e produzem mel de especial qualidade .

Pois bem, a aposentada Maria Helena, de 85 anos, não cuida apenas de abelhas Jataí, mas também de outras espécies sem ferrão, a Mandaçaia, a Mandaguari e a Arapuã, nativas de nosso país. Todas estão muito bem acomodadas em pouco mais de 30 caixas de madeira, e são por ela cuidadas qual se pertencessem à família. Como seus problemas de locomoção foram mitigados a partir do

momento em que passou a cuidar das abelhinhas, dona Maria Helena batizou de “Felicidade” a primeira das caixas, aquela que ganhou do filho Danilo, pessoa também envolvida com o meio ambiente. A fim de reforçar a alimentação de “suas pequeninhas”, prepara-lhes, vejam só, substancioso xarope e bombons de pólen com mel, que elas adoram, “comem tudinho”. E se eventualmente brigam entre si, “jogo uma chavinha nelas e pronto”. É admirável, sem a menor dúvida, tamanho amor e dedicação às abelhas, que desempenham importante papel na natureza, pois são elas o principal agente de polinização, procedimento responsável, apenas para se ter uma ideia, por culturas como a do café, da maçã, do tomate e de muitas outras mais.

Tamanha a importância delas para a humanidade, que a própria ONU estabeleceu, em justo reconhecimento, 20 de maio como Dia Mundial da Abelha. Outras iniciativas deveriam, sem a menor sombra de dúvida, serem também implementadas e outras Marias Helenas precisariam aparecer, pois, com a crescente urbanização e a insensata destruição de florestas, corre-se sério risco de perigosa redução da quantidade de abelhas em todo o mundo.

No meu rol de pessoas amigas, é a Severina, aquela conhecida benzedeira que há muitos anos migrou aqui para nossa região, quem melhor e com mais ardor defende as abelhas. Quando lhe falei de dona Maria Helena, quis logo saber o endereço dela para contacto. E foi enfática, mostrando superior porém inconvincente ar de sabedoria, ao concluir: *“Digo-lhe uma coisa, seu doutor, o mel cura até mesmo doenças que os médicos não sabem como curar”*. Será isso mesmo, amigo leitor? Que você acha?

DarlyViganó

darly.vigano@gmail.com